

PRIVAÇÃO DE AFETO E SUAS CONSEQUÊNCIAS: ANÁLISE PSICODINÂMICA A PARTIR DO FILME “PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN”

Melânia Paula Pavoni

Acadêmica de Psicologia da Faculdade Meridional – IMED. E-mail: <melaniapavoni06@hotmail.com>.

Kélin Aparecida da Silva

Acadêmica de Psicologia da Faculdade Meridional – IMED. E-mail: <dasilvakelin@gmail.com>.

Cleuza Elizabete de Chaves

Acadêmica de Psicologia da Faculdade Meridional – IMED. E-mail: <cleuzachaves597@gmail.com>.

Thayla Dalbosco

Acadêmica de Psicologia da Faculdade Meridional – IMED. E-mail: <thayla_d@hotmail.com>.

Denice Bortolin Baseggio

Docente da Escola de Psicologia da Faculdade Meridional – IMED, Passo Fundo/RS.
Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
E-mail: <denice.baseggio@imed.edu.br>.

RESUMO

O modo como os pais interagem com seus filhos influencia na constituição psíquica destes, consequentemente incidem na forma como o sujeito se relaciona consigo e com os outros. Por ser uma temática relevante para os profissionais que trabalham com psicanálise, necessita ser aprofundada. O objetivo deste estudo foi analisar o desenvolvimento infantil do personagem Kevin, do filme “Precisamos falar sobre Kevin”, a partir de uma compreensão psicodinâmica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de estudo de caso. Este retrata a vida de Eva e Franklin, que sem planejamento veem-se à espera de um filho, Kevin. Uma criança rejeitada desde a gestação, privada de afeto por parte da mãe e de limites por parte do pai. Assim, durante toda a sua infância ele cresce em um ambiente conturbado, hostil e conflituoso, que se intensifica a partir do nascimento da irmã Célia. Com base nesta história clínica, verificou-se que, Eva não foi uma mãe suficientemente boa e o pai Franklin negava a dificuldade que tinham em se relacionar com o filho, não lhe impondo limites. Portanto necessita-se de uma intervenção psicanalítica pais-bebê logo no início da vida deste, onde o casal possa trabalhar suas dificuldades e desenvolver um relacionamento saudável.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil, psicanálise, privação afetiva

INTRODUÇÃO

Tendo como pressuposto que a gravidez não é somente um fenômeno físico, mas que envolve significados afetivos e psíquicos, entende-se que

durante o período da gestação a mãe imagina seu bebê e isto possibilita que esta ofereça um lugar para ele ocupar, tornando-se essencial essa construção imaginativa materna tanto para a criança que está por nascer quanto para a mãe que nota-se

como alguém que colocará um ser no mundo. A importância dessa imaginação dá-se no sentido de que a partir disto o bebê tornar-se-á objeto privilegiado da mãe, onde esta passará a investir libidinalmente neste, o que é fundamental para a relação mãe-bebê (Ferrari, Piccinini, & Lopes, 2007).

Inúmeros autores têm enfatizado que a relação mãe-bebê existe desde antes da gravidez, sendo assim, essa relação está presente ainda nas fantasias maternas da mulher. Ao decorrer da gravidez a imaginação da mãe e o contato com o bebê ficam cada vez mais fortes. A mãe demonstra necessidade de inserir o bebê em uma linhagem dando características a este de acordo com as semelhanças do casal (Piccinini, Ferrari, Levandowski, Lopes, & Nardi, 2003). Então, todas as projeções boas que os pais produzem e o contato que exercem com o feto farão parte da constituição saudável deste sujeito que está por vir.

Outro fator de equivalente importância é o desenvolvimento da preocupação materna primária que caracteriza-se pelo aumento da sensibilidade materna, permitindo que desde os primeiros momentos se adapte delicadamente às necessidades do bebê. Visto por este prisma, de acordo com Winnicott (2000), a preocupação materna primária proporciona também um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar. Este conceito também é fundamental para a identificação adequada das necessidades do bebê. Sob esta ótica, uma mãe suficientemente boa é aquela capaz de realizar adequadamente o *holding*, o *handling* e a apresentação de objeto. Além disto, inicialmente a criança é totalmente dependente da mãe e se desenvolve até a parcial independência (Passos-Ferreira, 2014).

Alguns fatores vivenciados pelas mães, como ansiedade ou depressão apresentam relação na forma como o diálogo entre estas e seus bebês serão estabelecidos (Crestani et al, 2010) e consequentemente na forma como se relacionam. Mas a importância da relação mãe-bebê para a constituição psíquica do bebê se inicia ainda na gestação. Estudos acerca do psiquismo fetal tem despertado enorme interesse em pesquisadores, além de possibilidades de intervenções precoces, como as psicoterapias pais-bebê, já que problemas no relacionamento da tríade pode desenvolver psicopatologias ao bebê (Azevedo & Moreira, 2012).

Segundo Nogueira e Ferreira (2012) expandir o envolvimento do pai na gravidez e no parto aumenta os laços afetivos. Com o acompanhamento

do pré-natal, dos preparativos, das leituras sobre o desenvolvimento da criança e durante o parto o corte do cordão umbilical é provável que seja reforçado o vínculo emocional entre pai, mãe e filho, obtendo-se repercussões positivas para a tríade. Além da presença materna, é também importante que o pai participe da vida do filho (Veludo, & Viana, 2012). Como exemplo pode-se citar a sua influência tanto no bebê, quanto na mãe, especialmente no aleitamento materno (Susin, 2004).

Em um estudo longitudinal realizado com crianças de cinco e vinte meses, observou-se durante as interações entre mães e filhos, que as mães adaptam sua conduta, explicitamente as emissões linguísticas, assim chamando a atenção da criança para si e para o que está falando. Este instrumento linguístico proporciona à criança voltar sua atenção para as emissões da mãe, alicerçando a comunicação verbal entre a díade. Os pais promotores sociais que compreendem as interações de seus filhos dando-lhes apoio quando necessitam, criam um processo de socialização da emoção, embasando um desenvolvimento positivo (Mendes & Pessoa, 2013).

O apropriado desenvolvimento da linguagem da criança depende de fatores inerentes a sua pessoa e elementos exteriores, como o fator ambiental. Estudos revelam que a estimulação da fala no ambiente familiar através do incentivo dos pais, tem grande importância para o progresso e aquisição da linguagem (Scopel, Souza, & Lemos, 2012). Um estudo transversal realizado com crianças de 2 a 24 meses, apontou não haver diferenças significativas no que diz respeito à escolaridade materna (Escarce, Camargos, Souza, Mourão, & Lemos, 2012).

O desenvolvimento da criança, quando saudável, é decorrente de um ambiente acolhedor, harmonioso e rico de experiências desde o período pré-natal, englobando aspectos físicos, emocionais, sociais e psíquicos. O estado emocional materno é fator de extrema relevância para o desenvolvimento infantil, principalmente nos primeiros anos de vida. Estudos mostram que a depressão materna acarreta danos não somente para mãe, mas para o desenvolvimento da criança como um todo, podendo ocasionar desordens em diversas áreas (Carlesso & Souza, 2011; Flores, Souza, Moraes, & Beltrame, 2013).

Evidenciou-se que o estresse, gerado pelo convívio familiar conturbado, indica a possível relação com a origem dos transtornos mentais na

infância e adolescência. Esta evidência foi exposta na pesquisa realizada com estudantes, com objetivo de avaliar a relação entre eventos estressores acontecidos no ambiente familiar e indícios de problemas de saúde mental (Matos et al., 2015).

Um fator importante e que pode revelar um convívio familiar conturbado diz respeito ao controle esfinteriano. O início e término do treinamento para o uso de sanitários é influenciado por vários aspectos, entre eles: fatores fisiológicos, psicológicos e socioculturais, onde podem existir sinais físicos e comportamentais que auxiliam a detectar quando as crianças estão prontas para este treinamento, porém algumas pesquisas revelam que os pais brasileiros levam em consideração apenas a idade de seus filhos (Santos & Maranhão, 2009).

O objetivo deste estudo foi analisar o desenvolvimento infantil do personagem Kevin, do filme “Precisamos falar sobre Kevin”, a partir de uma compreensão psicodinâmica. A análise inicia-se na gestação de Eva e perpassa até o final da infância do personagem.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que conforme Bardin (2011) equivale a um procedimento que pode ser melhor adaptável, pois este é mais flexível a resultados não esperados. Está estritamente relacionada à descoberta de novas áreas de exploração (Flick, 2009). Como delineamento foi utilizado estudo de caso, um método de pesquisa comum em diversas áreas, especialmente na Psicologia, onde contribui ao conhecimento de fenômenos individuais, grupais, organizacionais e sociais (Yin, 2014). Após terem assistido o filme, as pesquisadoras construíram uma história clínica do caso de Kevin, com foco na infância e a analisaram por meio da teoria do desenvolvimento, que tem seus principais expoentes teóricos psicanalíticos. O filme “Precisamos falar sobre Kevin” foi dirigido por Lynne Ramsay e com autoria de Lionel Shriver, sendo lançado em setembro de 2011.

HISTÓRIA CLÍNICA

O filme relata a história de Eva Khatchadourian, uma escritora de livros de turismo, com cerca de quarenta anos, dotada de uma persona-

lidade aventureira, sem muitos compromissos ou preocupações. Apaixonada pelo marido Franklin, um fotógrafo, repentinamente descobre uma gravidez inesperada.

Durante a gestação Eva demonstra-se desconfortável, apática e indiferente à maternidade. Reluta muito à chegada de seu filho Kevin e o rejeita quando nasce. Assim, houve a necessidade do pai ter o primeiro contato físico e afetivo com o bebê, pois ela apresenta-se incapaz de segurar, olhar e principalmente acalmar seu filho.

Durante toda a infância de Kevin a relação com a mãe foi conflituosa e fria, baseada em mútuas provocações. Em contrapartida, sua relação com o pai é amigável, mas este é incapaz de impor-lhe os limites necessários.

Com o passar do tempo, Eva engravida de Célia, acontecimento este que perturba mais a relação entre mãe e filho, estendendo-se até Kevin atingir o ápice da adolescência. Neste sentido, Kevin mostra-se agindo de igual maneira com os pais, sendo aversivo com a irmã e agressivo a ponto de feri-la fisicamente.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Eva ao descobrir sua gravidez vê-se diante de uma situação que não esperava. A chegada de um filho acarreta em uma passagem na vida dos novos pais que com isso, concomitantemente, experimentam tanto sentimento de emoção e espanto quanto profunda ansiedade relacionada à responsabilidade de cuidar do bebê, ao compromisso de tempo e energia que ele demanda e à sensação de permanência que a paternidade/maternidade impõe ao casal (Cox & Paley, 2003).

No início de sua gravidez, demonstra-se apática e não consegue tocar em sua barriga, apoiando as mãos nas costas sinalizando um desconforto. Ela visivelmente não esperava esta novidade em sua vida. Mas de acordo com Brazelton e Cramer (1992) o período de gestação oferece aos futuros pais a chance de realizar não só uma preparação corporal, mas também psicológica. Entretanto parece que Eva não conseguiu realizar bem esta preparação.

Devido sua idade mais avançada, Eva correria riscos de aborto espontâneo, bem como anormalidades cromossômicas no feto. Devemos considerar também o fato de que a não aceitação e o não planejamento da gravidez pode ocasionar

estresse emocional, tendo como consequência o enfraquecimento imunológico da mãe e do feto, crescimento pré-natal inferior, parto prematuro, agitação motora, entre outras. O estresse emocional, após o nascimento do bebê, dificulta os cuidados da mãe para com ele, principalmente a uma criança irritadiça e não responsiva, podendo perpetuar o seu comportamento difícil (Shaffer, 2005; Cole & Cole, 2004).

Diante das atitudes de Eva, pode-se perceber uma ausência de preocupação materna primária, que é definida por Winnicott (2000) como “doença normal”, onde há uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente no final da gravidez. O desenvolvimento desse estado proporciona um contexto para que a constituição da criança se inicie, onde esta é fundamental para a identificação adequada às necessidades do bebê.

Com as dificuldades na hora do parto, Eva parece querer impedir que Kevin venha ao mundo, pois entende que a partir daquele momento tudo mudará drasticamente. Por este viés, um estudo realizado por Borsa e Dias (2004), onde foram entrevistadas mulheres em período puerperal, aponta que o momento do parto foi relatado de modo ambíguo, tendo em vista que ele representa o término de uma etapa e o início de uma nova, repleta de vivências completamente desconhecidas. Para Lebovici (1987), já no terceiro trimestre da gravidez surgem sentimentos ambivalentes, como viver uma vida agora cheia de limites acabando por ceder a própria vida em prol do outro, o medo da morte, o que acaba por condensar-se tudo na hora do parto, surgindo o medo de morrer neste momento e qual seria a escolha do cônjuge caso tivesse que optar pela vida da esposa ou do filho.

Percebendo a resistência de Eva durante o parto e sua reação emocional, nota-se a necessidade desta ter recebido auxílio de uma rede de apoio. Winnicott (2006) traz que em casos onde a mãe encontra-se emocionalmente desamparada, a enfermeira deve ter a sensibilidade de realizar um diagnóstico e para isto deve receber um treinamento especial.

Logo após o nascimento, Kevin ficou nos braços de seu pai Franklin, pois a mãe não era capaz de segurar, olhar e especialmente acalmar seu bebê. Entende-se como importante que esta criança possa ser olhada, ao menos em alguns momentos. Desta forma, a presença do pai pode enriquecer o momento, com uma compreensão

da relevância desses primeiros instantes (Winnicott, 2006). Percebe-se que Eva continua indiferente ao filho, portanto, a preocupação materna primária está definitivamente ausente. Afinal, quando ela acontece a duração é de algumas semanas após o bebê ter nascido (Winnicott, 2000).

Eva e Kevin mantêm uma relação inadequada de caráter qualitativo, onde a mãe atua como agente de doença, provocando o que Spitz (2013) chama de doenças psicotóxicas da infância, Eva apresenta rejeição primária passiva, que entende-se por rejeição à gravidez e não a criança em si, resultando em dificuldade de vinculação. Apresenta também hostilidade inconsciente, onde produz culpa mais hipertonia do bebê que resulta na cólica dos três meses e hostilidade disfarçada de ansiedade não oferecendo contato cutâneo.

Para Winnicott (2000), um bebê não pode existir sozinho, pois é essencialmente parte de uma relação onde se constitui a partir do outro, biologicamente e psiquicamente, e a mãe deve ser suficientemente boa, capaz de oferecer um ambiente suficientemente bom convivendo sem prejuízos psíquicos. É essencial que a mãe realize as três funções maternas: o *holding*, *handling* e apresentação de objeto, sendo o *holding* a sustentação física e emocional, a mãe como o esteio em uma rotina simples e estável; o *handling* refere-se ao manejo físico como trocar as fraldas, dar banho, proporcionando ao bebê o bem estar físico e gradualmente integrando a vida psíquica e a apresentação de objeto que envolve a entrega ao bebê do objeto desejado fazendo com que ele acredite que o mundo pode conter o que precisa e deseja.

Em um ambiente favorável, uma mãe suficientemente boa é aquela que torna possível o processo de integração do sujeito, de modo que as mães são indispensáveis no começo da vida de seus bebês, afinal são elas que trazem a capacidade de proteção (Guimarães, 2013). Assim, esta continua a viver mesmo com a agressividade dos filhos (Nasio, 1995).

Eva é despreparada e totalmente impaciente ao choro do seu bebê, não dando conta e não conseguindo acalmá-lo por diversas vezes, passando simplesmente a ignorá-lo. Por vezes, quando não conseguia acalmar seu filho, o levava a lugares extremamente barulhentos para que o choro do bebê desaparecesse entre os ruídos urbanos. Através do choro, Kevin está externando um pedido de ajuda, pois não está sendo olhado e cuidado devidamente. Os bebês precisam do ca-

rinho materno, de amor e compreensão. A mãe conhecendo bem o seu bebê, é a pessoa indicada para prestar-lhe ajuda e o modo como o ele solicita é através do choro (Winnicott, 2012).

Presume-se que Eva pode ter apresentado um quadro de Depressão Pós-Parto que está estritamente relacionado com aspectos psicossociais. O ideal de maternidade imposto por algumas culturas é demasiadamente prejudicial, tendo em vista que impõe o amor incondicional materno como uma condição ao sexo feminino (Badinter, 1985; Azevedo & Arrais, 2006).

Contudo, o conceito de amor incondicional materno não estava presente na vida de Eva inicialmente e vivenciou as consequências disso posteriormente. Fernandes, Lamy, Morsch, Filho e Coelho (2011) em sua pesquisa com doze mães de bebês prematuros, evidenciaram através das falas que para elas abandono não era necessariamente dar o filho para outra pessoa, mas era entendido como o não cuidar. Ademais, o fato de Eva não conseguir segurar, tocar e cuidar de Kevin com afeto fez com que este desencadeasse o que Bowlby (2002) chama de apego inseguro que reflete em desconfiança e expectativas nada positivas em relação ao mundo. O desapego é o estado de indiferença das crianças em relação a outras pessoas, em virtude disso, nenhum relacionamento estável é formado.

A linguagem é um ato social onde há uma integração entre a comunicação verbal e desenvolvimento cognitivo. Com a fala a criança pode expressar-se, bem como interagir socialmente, quando não há prejuízos orgânicos. No caso de Kevin não há nenhum tipo de patologia física que o impeça a fala, porém não quer dar o que Eva espera. Pode-se dar um exemplo na cena onde tenta fazer com que ele fale “mamãe” e “bola”, mas o mesmo não fala uma palavra e também não brinca com a mãe. Em outra cena Eva pede novamente para Kevin falar “mamãe” e ele diz “não” se recusando novamente a dar aquilo que ela quer (Papalia & Feldman, 2013).

A relação entre eles, no período aproximado entre os 3 e 7 anos, é bastante conturbada. Kevin provoca a mãe e ela revida. Nesta relação conflituosa entre mãe e filho ocorrem os mecanismos de defesa de projeção e identificação projetiva, reciprocamente de Eva para Kevin, onde, respectivamente, uma é entendida por Laplanche e Pontalis (2001), como operação pela qual o sujeito elimina de si e coloca no outro, pessoa ou coisa,

qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos que ele desconhece ou recusa e a outra se exprime por fantasias em que o indivíduo introduz a sua própria pessoa, totalmente ou em parte no interior do objeto para o prejudicar, para o tê-lo ou para dominá-lo.

Ambos competem por atenção e os conflitos somente são pacificados pelo pai. Franklin mostra-se o oposto da mãe, muito afetuoso ao filho, com um papel conciliador entre as discussões e brigas, mas incentiva a prática de arco e flecha, um esporte agressivo. Piccinini, Silva, Gonçalves e Lopes (2012) retratam que é comum a tendência de os homens serem vistos realizando um papel secundário e de suporte às suas esposas. Isto foi observado nas falas de alguns pais que também relataram suas preocupações com a sobrecarga física e emocional das companheiras, acerca dos cuidados que envolvem o bebê. Estes autores pesquisaram 38 pais primíparos, com idades entre 20 e 40 anos.

O pai não é capaz de impor regras ao filho. É imprescindível que Kevin receba afeto deste, mas que esse carinho e cuidado venham acompanhado de limites, afinal também são uma forma de cuidado. Além disso, durante o filme não percebe-se a presença de familiares ou demais pessoas que pudessem auxiliar este casal com dificuldades na educação do filho. Mondin (2008) realizou uma revisão da literatura, relacionada com a dinâmica familiar, nos enfoques ecológico e comportamental, trazendo a necessidade de uma rede de apoio às famílias para lidar com os problemas que possuem na educação dos filhos.

Não há um investimento na educação do filho por parte do pai, pois frustrar também faz parte do processo (Bandeira & Moura, 2012). Existem vários tipos de investimento dos pais em relação aos filhos, dentre eles o investimento emocional, em cuidados básicos, intelectual, social-espiritual e familiar-pessoal. Pode-se entender que Franklin está em um processo de negação, pois não nota que Kevin está tendo comportamentos inadequados. O mecanismo de negação pode ser entendido como um processo no qual a pessoa, apesar de ainda estar elaborando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos que até então está recalçado, permanece defendendo-se dele, negando que lhe pertença (Laplanche & Pontalis, 2001).

Percebe-se que o motivo de Kevin aos 6 anos de idade não apresentar o controle esfinteriano é por desejar provocar sua mãe, usando desta

ferramenta para atingi-la. De acordo com Freud (1976), na fase anal a criança aprende a controlar as funções de urinar e defecar, porém estes acontecimentos envolvem mais que o ato em si. Para a criança seus produtos esfinterianos são impregnados de significados particulares. Nesta etapa a criança não se afastará de algo dos outros (por exemplo, útero e seio da mãe), mas sim de algo que é seu, o que pode ocasionar em uma sensação de esvaziamento. O bolo fecal dará à criança a noção de externo e interno, representando um valor de troca entre ela e o meio.

Logo após ter agredido Kevin no braço esquerdo, Eva mostra-se muito culpada pelo ocorrido e após retornarem do hospital, ao chegar em casa, ele mente para o pai defendendo-a, dizendo ter caído do trocador. A mãe sustenta a mentira e mostra um comportamento submisso às decisões do filho, que a partir deste momento deixa de usar fraldas. Com isto, pode-se entender que Kevin mentiu para ter o controle sobre Eva. Winnicott (2012) fala sobre a mentira quando menciona que uma criança, por ignorar esta, não consegue dar a razão verdadeira e o resultado, ao invés de sentir muita culpa por ter sido mal compreendida e censurada, ela se divide em duas partes, uma muito severa e a outra contendo impulsos maléficos. Então a criança passa a ser o que as pessoas denominam como mentirosa.

Em um estudo de Pereira e Piccinini (2011) foram entrevistadas oito mães gestantes do segundo filho, acerca dos relacionamentos com os primogênitos. Para elas, esta fase mostrou-se sendo de redefinição de seu papel de mãe e de seu vínculo afetivo com o primeiro filho. Durante este período as mães esforçaram-se para dar maior atenção e ficar mais tempo com eles, porém não sendo capazes de resguardá-los das ansiedades e angústias. Quando Eva engravida de sua filha mais nova não consegue realizar de maneira adequada a introdução deste novo membro, conturbando ainda mais a relação, estendendo-se durante toda a infância até Kevin atingir o ápice da adolescência.

Kevin percebe o olhar que sempre buscou refletido na irmã, causando-lhe ainda mais indignação e revolta. Nota-se que Eva com esta segunda gravidez tenta mostrar para si mesma que pode ser mãe, pois também está passando por outro momento em sua vida, que lhe permite cuidar da filha de um modo diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar o desenvolvimento infantil do personagem Kevin, do filme “Precisamos falar sobre Kevin”, a partir de uma compreensão psicodinâmica. A análise inicia-se na gestação de Eva e perpassa até o final da infância do personagem. Assim, foi possível interligar conceitos teóricos de diversos autores renomados na prática, ou seja, em um filme baseado nos fatos de uma história real, onde a cada acontecimento se percebia a importância de estudar referências para a compreensão mais detalhada e ampla de um sujeito e de uma situação.

Deste modo, este estudo possibilitou perceber que a relação saudável e afetiva entre a mãe e seu bebê é de fundamental importância para o desenvolvimento adequado de uma criança. Além da presença física da mãe, necessita do investimento de seu olhar, de seu afeto, de seu carinho e de sua compreensão para sentir-se integrado e amado, podendo, posteriormente, amar e deixar ser amado. Por este viés, se o contrário acontecer, inúmeras consequências negativas surgirão ao decorrer da vida desse sujeito, como por exemplo, agressividade, problemas em relacionamentos íntimos, embotamento afetivo e até mesmo condutas antissociais.

Quando uma mãe não desempenha o papel de suporte, considera-se que algo não foi instaurado no psiquismo desta ou que no decorrer da relação mãe-bebê, algo possa ter impedido a continuidade do investimento libidinal neste vínculo, deixando esta mãe desvitalizada e desinteressada por seu filho. Logo, este percebe o não investimento ou o desinvestimento, sentindo-se abandonado. Em contrapartida, para que ao longo de seu desenvolvimento tenha condições de buscar e de manter com vitalidade o sucesso nas diferentes áreas, este vínculo deve ser resgatado.

Por fim, surge a discussão do quanto é essencial investir-se na relação mãe-bebê desde a descoberta da gravidez, percorrendo pela gestação, pelo parto e pelo desenvolvimento da criança no decorrer dos anos. Nesta perspectiva, é válido realizar intervenções psicoterápicas pais-bebê para que estes possam compartilhar com os profissionais seus anseios, dúvidas e expectativas, a fim de deixá-los mais seguros e afetivos, contribuindo para o bom desenvolvimento emocional da criança.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, E. C., & Moreira, M. C. (2012). Psiquismo fetal: um olhar psicanalítico. *Diaphora*, 12(2), 64 - 69. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/73>. Acesso em: 06 julho 2015.
- Azevedo, K. R., & Arrais, A. R. (2006). O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 19(2), 269-276.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Bandeira, T. T. A., & Moura, L. S. de. (2012). Crenças de Pais e Mães sobre Investimento Parental. *Paidéia*, 22(53), 355-363. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201307>.
- Bardin, L. (2011). A codificação. In L. Bardin (Ed.), *Análise de conteúdo* (pp. 133-146). São Paulo, SP: Edições 70.
- Borsa, J. B., & Dias, A. G. C. (2004). Relação Mãe e Bebê: as expectativas e vivências do puerpério. *Revista Perspectiva*, 28(102), 39-53.
- Bowlby, J. (2002). *Apego e perda: a natureza do vínculo*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Carlesso, J. P. P., & Souza, A. P. R. de. (2011). Dialogia mãe-filho em contextos de depressão materna: revisão de literatura. *Revista CEFAC*, 13(6), 1119-1126.
- Cerqueira-Santos, E., Paludo, S. dos S., dei Schirò, E. D. B., & Koller, S. H. (2010). Gravidez na adolescência: Análise Contextual de risco e proteção. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 73 - 85. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n1/a09v15n1.pdf>. Acesso em: 02 junho 2015.
- Cole, M., & Cole, R. (2004). Desenvolvimento pré-natal e Nascimento. In M. Cole & R. Cole (Orgs.), *O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente* (pp. 26-57). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Cox, M. J., & Paley, B. (2003). Understanding families as systems. *Current Directions in Psychological Science*, 12, 193-196. Recuperado de <http://dx.doi:10.1111/1467-8721.01259>.
- Crestani, A. H., Rosa, F. F. de M., Souza, A. P. R. de, Pretto, J. P., Moro, M. P., & Dias, L. (2010). A experiência da maternidade e a dialogia mãe-filho com distúrbio da linguagem. *Rev. CEFAC*, 14(2), 350-360. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v14n2/07-10.pdf>. Acesso em 06 julho 2015.
- Escarce, A. G., Camargos, T. V. de, Souza, V. C., Mourão, M. P., & Lemos, S. M. A. (2012). Escolaridade Materna e Desenvolvimento da Linguagem em crianças de 2 meses à 2 anos. *Revista CEFAC*, 14(6), 1139-1145.
- Fernandes, R. T., Lamy, Z. C., Morsch, D., Filho, F. L., & Coelho, L. F. (2011). Tecendo as teias do abandono: Além das Percepções das mães de bebês prematuros. *Ciência & Saúde Coletiva*: 16(10), 4033 - 4042. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/630/63019858008.pdf>. Acesso em 25 março 2015.
- Ferrari, A. G., Piccinini, C. A., & Lopes, R. S. (2007). O Bebê Imaginado na Gestaçao: Aspectos Teóricos e Empíricos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 305 - 313.
- Flick, U. (2009). A utilização da literatura na pesquisa qualitativa. In U. Flick (Ed.) *Introdução à pesquisa qualitativa* (pp. 61-68). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Flores, M. R., Souza, A. P. R. de, Moraes, A. B. de, & Beltrami, L. (2013). Associação entre indicadores de risco ao desenvolvimento infantil e estado emocional materno. *Revista CEFAC*, 15(2), 348-360.
- Freud, S. (1976). *Três Ensaios sobre as teorias da sexualidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Guimarães, D. M. C. (2013). A igreja como mãe suficientemente boa à luz dos conceitos de Winnicott. *Interações: Cultura e Comunidade*, 8(13), 187-203. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3130/313028475011.pdf>. Acesso em 03 abril 2015.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Lebovici, S. (1987). *O Bebê, a Mãe e o Psicanalista*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Mendes, D. M. L. F., & Pessôa, L. F. (2013). Comunicação Afetiva nos cuidados Parentais. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 15-25.
- Matos, M. B. de, Cruz, A. C. N., Dumith, S. de C., Dias, N. da C., Carret, R. B. P., & Quevedo, L. de A. (2015). Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(7), 2157-2163. Recuperado de <http://dx.doi:10.1590/1413-81232015207.17452014>.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233 - 244. Disponível em: <file:///C:/Users/Hp/Downloads/pa-2498.pdf>. Acesso em 25 março 2015.
- Nasio, J. -D. (1995). *Introdução às obras de Freud, Goddeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

- Nogueira, J. R. D. F., & Ferreira, M. (2012). O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(8), 57-66.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre, RS: AMGH.
- Passos-Ferreira, C. (2014). O self como centro de ação em James e Winnicott. *Ágora*, 16(1), 27 - 42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v17n1/a02v17n1.pdf>. Acesso em 06 julho 2015.
- Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2011). Relacionamento Mãe-Primogênito durante a Gestação do Segundo Filho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(2), 179-188.
- Piccinini, C., Ferrari, A., Levandowski, D., Lopes, R., & Nardi, T. (2003). O bebê imaginário e as expectativas quanto ao futuro do filho em gestantes adolescentes e adultas. *Interações*, 8(16), 81-108.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. de C. S. (2012). Envolvimento Paterno aos Três Meses de Vida do Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n3/a06v28n3.pdf>. Acesso em 31 março 2015.
- Santos, P. R. da S., & Maranhão, D. G. (2009). Assistência de enfermagem à criança no desenvolvimento de controles esfinterianos. *Revista Enferm*, 10(1), 60-3.
- Scopel, R. R., Souza, V. C., & Lemos, S. M. A. (2012). A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: Revisão da literatura. *Revista CEFAC*, 14(4), 732-741.
- Spitz, R. A. (2013). Distúrbios psicotóxicos. In R. A. Spitz, *O primeiro ano de vida* (pp. 213-216). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Shaffer, D. R. (2005). Desenvolvimento pré-natal, Nascimento e Preparo dos Recém-nascidos para a vida. In D. R. Shaffer (Org.), *Psicologia do Desenvolvimento* (pp. 104-142). São Paulo, SP: Thomson.
- Susin, L. R. O. (2004). Influência do pai e das avós no aleitamento materno (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5448/000426489.pdf?sequence=1>. Acesso em 06 julho 2015.
- Veludo, C. M. B., & Viana, T. de C. (2012). Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(51), 111-118. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n51/13.pdf>. Acesso em 06 julho 2015.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- _____. (2006). A contribuição da psicanálise à obstetrícia. In D. W. Winnicott (Org.), *Os bebês e suas mães* (pp. 61 - 72). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- _____. (2012). Por que choram os bebês? In D. W. Winnicott (Org.), *A criança e o seu mundo* (pp. 64 - 75). Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- _____. (2012). Roubar e dizer mentiras. In D. W. Winnicott (Org.), *A criança e o seu mundo* (pp. 183 - 188). Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Yin, R. K. (2014). Quando usar os estudos de caso como método de pesquisa. In R. K. Yin (Ed.) *Estudos de Caso: Planejamento e Métodos* (pp. 3-25). Porto Alegre, RS: Bookman.
- Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre, RS: Artmed.

*Deprivation of Affection and its Consequences:
Psychodynamic Analysis from the Movie
“We need to talk About Kevin”*

ABSTRACT

The way parents interact with their children influence in the psychic constitution of these and consequently focus on how the individual relates with themselves and others. To be a relevant issue for professionals, who work with psychoanalysis, needs to be deepened. The aim of this study is to deepen the movie “We need to talk about Kevin”, focusing on the character Kevin and his childhood, from a psychodynamic understanding. It's a qualitative research with a case study design. It tells the story of Eva and Franklin that are waiting for a son, Kevin, but he was unplanned. He was a rejected child since the pregnancy, deprived of affection for the mother and received no limits of his father. In this way, during his childhood he grows into a troubled, hostile and confrontational atmosphere that intensifies since the birth of his sister, Celia. It was observed that Eva was not able to be a ‘good-enough mother’ and Franklin denied the difficulty that had to relate to the child, not by imposing limits. Thus, it's necessary an early psychoanalytic intervention parent-infant at the beginning of his life, where the couple can learn to deal with their difficulties and develop a healthy relationship.

Keywords: child development, psychoanalysis, affective deprivation

Recebido em: 03/09/2015

Avaliado em: 17/11/2015

Correções em: 30/11/2015

Aprovado em: 10/12/2015

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira